

# VIDAS EXCLUSIVAS: TERRITORIALIZAÇÃO, TRANSFORMAÇÃO DOS USOS E APROPRIAÇÕES DOS ESPAÇOS PÚBLICOS NA PRAIA DO PAIVA-PE

Pedro João de Albuquerque Araújo<sup>1</sup>; Caio Augusto Amorim Maciel<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Estudante do Curso de Geografia – CFCH – UFPE; E-mail: Pedrojoaoalbu@yahoo.com.br,

<sup>2</sup>Docente/pesquisador do Depto de Geografia – CFCH – UFPE. E-mail: camorim@terra.com.br.

**Sumário:** Nesta pesquisa são analisados os sujeitos presentes nos espaços públicos físicos e culturais da praia do Paiva. São analisados como estão inseridos os espaços públicos ali presentes, e como nos mesmos são configurados os cotidianos daqueles que se apropriam destes espaços, através de seus usos e contra-usos. Também são analisados as configurações territoriais que decorrem das relações sociais ali travadas pelos diferentes grupos, assim como a análise e caracterização dos mesmos. Para tanto, são tomados alguns conceitos chaves que regem o escopo da pesquisa, que são os conceitos de espaço público, território e cotidiano, já presentes em outras disciplinas das ciências humanas.

**Palavras-chave:** cotidiano; espaço público; praia do paiva; território

## INTRODUÇÃO

A praia do Paiva sofreu intensas intervenções urbanísticas em seu período recente, onde “abrange 540 mil metros quadrados de área construída e um total de 6.967 unidades imobiliárias, entre casas, apartamentos e condo-hotéis, 784 unidades residenciais de hotéis; 80 estabelecimentos comerciais e de serviços; 32 lojas âncoras comerciais e 12 âncoras de lazer (BARBOSA, 2013, p.2)”. Estas intervenções estão conformadas com o que “vem sendo reforçadas por meio das novas territorialidades, configurada por localidades que despontaram a conta do grande potencial de desenvolvimento de atividades voltadas para o turismo e lazer (LACERDA, 2010, p.40)”. Porém, se faz necessária uma análise de como essas intervenções impactam a realidade local dos indivíduos que historicamente se apropriam desse espaço, a partir dos usos e contra-usos que ali se manifestam, principalmente em seu âmbito mais democrático que são os espaços público.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Nesta pesquisa foram realizadas 25 entrevistas em indivíduos que se encontravam utilizando os espaços públicos na praia do Paiva, utilizando um conjunto de perguntas elaboradas pelo pesquisador, no intuito de observar de que forma ocorria a apropriação e a utilização dos mesmos dos espaços e equipamentos públicos.

Também foi analisado o recorte espacial através da observação participante. A cada visita técnica o mesmo caminho fora feito, analisando o cotidiano e os eventos que ali surgira. Foram realizadas no total 8 visitas técnicas entre abril 2015 a junho 2015, tanto nos fins de semana como nos dias de semana.

## RESULTADOS

Primeiramente fora analisada a estrutura dos espaços públicos. Estes são divididos entre espaços públicos físicos e culturais. Em relação aos espaços públicos físicos, o único observado que possuía valor para pesquisa é a própria praia do Paiva. Esta fora dividida pela Associação Geral Reserva do Paiva, que pratica a gestão da orla, em setores. Estes setores possuem regras diferenciadas quanto a acessos e usos, que são eles o “setor corais”,

“setor enseada” e “setor península”. Em relação aos espaços públicos culturalmente construídos estão as vias, as ciclovias, as calçadas e o parque. Fora observado que a ciclovia foi extensamente apropriada por ciclistas, virando um ponto de referência do paiva para usuários não-moradores. Há uma apropriação da mesma por vários ciclistas tanto moradores quanto não moradores, principalmente provenientes de outras partes da região metropolitana, que a utilizam como lazer principalmente. A presença de equipamentos culturais abertos ao público atrai usuários diversos e não restringe os usos a moradores somente, porém com alguns sendo mais utilizados em determinados períodos que outros, como no caso da praia aos domingos. Nos domingos há uma maior presença de usuários não-residentes, por fatores externos como fora relatado pela maior acessibilidade a ônibus devido a redução do preço. Há, porém, regras a estes espaços que são impostas pela associação que gerencia-os, que nem sempre são cumpridos. Mas isto não impede uma convivência a estes espaços.

A estes espaços são observados diversos usos cotidianos que formam a cena e a paisagem. Aos cotidianos, foram observados os que diferem entre usos rotineiros, podendo ou não estarem relacionados a usos para lazer, e cotidianos sazonais, principalmente nos fins de semana, onde nos espaços públicos são observados em sua maioria usos de lazer por seus equipamentos. Os picos de usos se concentram nas manhãs e a noite, e consistem em sua maioria atividades ligadas a prática de esportes. Nestes horários foram observados e entrevistados usuários que em sua maioria eram moradores que corriam ou andavam de bicicleta, e o faziam em horários que se ajustavam aos horários de trabalhos do mesmos. Foram relatados que estes espaços públicos ofereciam uma maior qualidade de vida para os residentes, alguns relacionando a uma tendência destes tipos de espaços em outros lugares, no caso relatado Rio de Janeiro. Em contraposição aos usos rotineiros formais, aos quais há incentivo indireto (como por exemplo a não repressão), os cotidianos de lazer nos fins de semana concentram, segundo a própria associação, a maioria dos casos em que a segurança é acionada, e em sua maioria por não residentes.

Em relação aos territórios, há uma forma velada de territorialização, uma territorialização “subjéctiva” presente. Pelas entrevistas fora identificada tanto áreas onde a população de residentes dos condomínios fechados, se utilizavam da praia, como a própria praia do Paiva como um lugar segregador. A maior parte da população não-residente se concentrava no denominado “Setor corais”, onde há uma acessibilidade maior a praia, tanto por ônibus como por carro (a única área com espaço para estacionamento), além de ser a mais próxima das outras praias, com mais equipamentos de lazer como bares e restaurantes. Há também uma maior concentração de residentes dos condomínios fechados nas áreas da orla próximas aos mesmos, que pelas entrevistas também seriam as áreas com menos usuários, o que atrai esse grupo particular.

## DISCUSSÃO

A presente análise se desenrolou a partir da discussão de três conceitos centrais que foram então aplicados na análise do dado recorte espacial. O primeiro deles é o de espaço público. Se faz necessário detectar o que não seria espaço público, como ressaltado por Gomes (2012, p.21) este espaço não pode ser definido por seu oposto, ou seja, pelo espaço privado, e nem é instituído por forças externas aquelas surgidas das relações sociais, pois “a existência desse espaço deve preceder a própria lei que, desse modo, simplesmente a reconhece (GOMES, 2012, p.22). Há um certo consenso no que se refere aos espaços públicos serem por excelência espaços da atuação política, como em Gomes (2012, p.23) “espaços públicos corresponde a dimensão espacial da política em uma sociedade democráticas ou republicanas”, e também presentes em Serpa (2007, p.9) “O espaço

público é aqui compreendido, sobretudo, como o espaço da ação política ou, ao menos, da possibilidade da ação política na contemporaneidade”, havendo esta dimensão política nestes espaços no dado recorte espacial, visto que há uma tensão social vivenciada ali, evidente nas formas de usos os mesmos. A problemática da acessibilidade se faz presente, sendo analisada, portanto, como somente física, “mas também simbólica, e a apropriação social dos espaços públicos urbanos tem implicações que ultrapassam o design físico de ruas, praças, parques, largos, shopping centers e prédios públicos (SERPA, 2007, p.16)” Havendo um certo entrave.

O segundo conceito analisado é o de cotidiano, tomado por uma perspectiva de um campo de disputas, onde há “ínfimas relações informais presentes na vida do homem comum, as quais, ao mesmo tempo, reproduzem traços da estrutura social, mas também produzem improvisos e novas perspectivas que contradizem com a normalidade dessa estrutura (DE CERTEAU, 2004; GOOFMAN, 1996; COULON, 1995 *apud* DA COSTA, 2007, p.134)”. Em uma análise que enfoca estes cotidianos como é dado, é observado que os mesmos se dão de forma diferencial no espaço, onde a temporalidade se faz presente. Há uma diferenciação destes cotidianos em relação a dias da semana e durante o dia, formando uma cena clara para o observador. Estes espaços públicos são portanto apropriados por “(...) pequeninos grupos culturais que se agregam e se apropriam de micro-partes do espaço urbano, estabelecendo complexas tramas (micro) territoriais interpostas, sobrepostas, mutantes e fluidas (DA COSTA, 2007, p.134)”, sendo a própria cidade influenciada de “principalmente como produto cultural, a cidade é sempre o resultado convergente de distintas influências formais e cotidianas (LEITE, 2002, p.120). O próprio espaço público é analisado enquanto arena política de diferentes usos cotidianos, devendo portanto se “repensar a construção desses lugares no contexto urbano ontemporâneo a partir de usos e contra-usos que se faz dos espaços enobrecidos (LEITE, 2002, p.121)”, sendo a praia do Paiva e seus atuais empreendimentos um espaço enobrecido por excelência.

Por fim, há o terceiro conceito que norteou esta pesquisa que é o de território, onde tem por definição básica “O território é, fundamentalmente, um espaço definido por e a partir das relações de poder (SOUZA, 2013, p.78)”, forjado a partir das relações sociais que ali se implica. O próprio empreendimento da “Reserva do Paiva” se dá a partir de um processo de territorialização de uma classe social mais abastada, porém convivendo com a existências de espaços públicos em seu interior, que são apropriados por diversas classes sociais. Porém, o território também abriga outros fenômenos que podem ser observados para além a política. Em alguns perspectivas atuais esta leitura da (des)territorialização enfatiza o predomínio da “imaterialidade”, tomada como uma “desmaterialização” das relações sociais (HAESBAERT, 2001, p.125), havendo ai indícios de que estes processos existem no dado recorte espacial, visto que há uma concentração diferencial de indivíduos em diferentes porções dos espaços públicos, havendo uma maior predominância de residentes do empreendimento em determinadas porções do espaço, enquanto não residentes, por diversas razões (incluindo materiais), se concentram em outros.

## CONCLUSÕES

Em seu processo de formação o empreendimento “Reserva do Paiva” precisou (des)territorializar antigos usuários, como por exemplo a retirada da festa da lavadeira do seu lugar de origem, entre outros usuários. Por formatar novo acesso, outros usuários passaram a frequentar os espaços públicos do local. Embora o foco inicial do empreendimento fosse os novos habitantes e frequentadores dos estabelecimentos comerciais, os usos previstos vieram com contra-usos por parte de usuários que recebem constante doutrinação, através de um controle das ações que fujam a norma, onde se impõe como enclave dos indivíduos com maior poder aquisitivo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço as instituições de fomento a pesquisa CAPES e PROPESQ pelo incentivo dado a realização desta pesquisa. Também agradeço ao Laboratório de Estudos do Espaço, Cultura e Política (LECGEO), assim como a todos seus membros, pelas discussões que enriqueceram esta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Adauto Gomes. Megaprojeto reserva do paiva n região metropolitana do Recife: as estratégias dos agentes capitalistas imobiliários. **Anais do XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana**. Rio de Janeiro. UERJ. 2013.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. Da “Organização” a “Produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico *in* CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs). **A produção do espaço urbano: Agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo, SP: Contexto, 2011. 234p.
- Da COSTA, Benhur Pinós. **Por uma geografia do cotidiano: Território, cultura e homoerotismo na cidade**. Tese de Doutorado, Programa de pós graduação em geografia. Porto Alegre, RS: UFRJ, 2007. 362p.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. Espaços públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço *in* CASTRO, Ina Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Olhares Geográficos: Modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2012. 192p.
- HAESBAERT, Rogério. Território, cultura e des-territorialização *in* ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Roberto Lobato (Orgs). **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2001. 200p.
- LACERDA, Norma. Mundos distintos: conflitos pela apropriação do litoral nordestino do Brasil. **Revista brasileira de estudos urbanos e regionais**. V.12, N2/Novembro 2010.
- LEITE, Rogerio Proença. Contra-usos e espaço público: Notas sobre a construção social dos lugares na manguetown. **Revista brasileira de ciências sociais**. V.17. N49/Junho 2002.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socio-espacial**. 1 Edição. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2013. 320p.
- SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. 1 Edição. São Paulo, SP: Contexto, 2007. 205p.